

Quanto mais quente MELHOR

O aquecimento global causado por mão humana, afinal, é tema controverso. Crítico, o russo Igor Khmelinskii, professor na Universidade do Algarve, aponta erros aos modelos que seguimos e às decisões de redução das emissões

PARA ELE NÃO HOUVE SURPRESA. O escândalo *climategate* – a troca de e-mails entre cientistas de alta responsabilidade nas decisões do IPCC, que terão manipulado dados em seu favor – acabou por ser o desfecho natural de um processo de mistificação científica. A política segue, no caso do aquecimento global, uma orientação pouco científica.

É o que diz, preto no branco, o físico russo Igor Khmelinskii, radicado em Portugal desde 1993 e hoje docente na Universidade do Algarve.

Mas o que se ganha em pintar cenários negros que o futuro climático nos reserva se não fizermos nada para travar o efeito de estufa? «Se olharmos para os orçamentos e todo o financiamento que é canalizado para o problema do aquecimento global, é fácil perceber por que é que toda a gente o quer estudar».

Quanto ao *climategate*, é reflexo, no mínimo, de «má ciência». Os cientistas ignoraram outros períodos de oscilação climática que já estão documentados, como o período quente medieval (ver texto pág. 58). O aquecimento que sentimos actualmente, diz Khmelinskii, «é real». «Temos em média sete décimas de grau por 100 anos», um processo natural que se seguiu à chamada «*little Ice Age* [pequena Idade do Gelo], um período bastan-

te frio». Até a pintura da época «retrata os canais da Holanda completamente cobertos de gelo no Inverno».

Khmelinskii refere-se a um estudo que analisa o clima nestes últimos 200/300 anos, um período de avanços e recuos na temperatura que se traduzia, num dos gráficos, em avanços e recuos dos glaciares. Neste ‘momento’ – últimos 15 anos e provavelmente até cerca de 2030, diz – «estamos é numa fase de arrefecimento, que os modelos climáticos do IPCC não conseguem explicar nem prever».

O problema, segundo o professor, está na abordagem que o IPCC faz aos dados existentes. Os cientistas envolvidos no *climategate* têm usado medidas como a do gráfico do ‘taco de hóquei’ (ver pág. 58), muito controverso, para os cépticos, pelo facto de considerar que a temperatura era praticamente constante durante centenas de anos e de repente, ter sofrido um crescimento exponencial.

Como só a partir de meados do século XIX é possível recolher dados de observatórios, os estudiosos do clima acabaram por recorrer, neste caso, entre outras formas de medição, a um método de quantificação baseado no diâmetro dos anéis das árvores.

Mas o próprio IPCC desaconselha este método. Além disso, notou-se uma discrepância entre esta forma de cálculo

lo e as temperaturas registadas pelos centros do Hemisfério Norte, a partir dos anos 60 do século XX. As assinaladas pelos anéis das árvores parecem apresentar valores mais baixos, e a explicação da diferença ainda é um problema por decifrar para os cientistas.

Estranhas contas

Khmelinskii vai ainda mais longe. Usamos, actualmente, cerca de duas dezenas de modelos climáticos. O que está em discussão é quantos graus centígrados vai aumentar a temperatura global. Mas os modelos não são concordantes. «A variação situa-se entre 1,5°C e 6°C». O IPCC faz, então, «uma média aritmé-



Al Gore, um dos maiores alvos dos cépticos

O aquecimento global que sentimos hoje é real, diz Khmelinskii. Mas segue-se a outras épocas na História que alternam *períodos naturalmente quentes e frios*

tica e diz que, provavelmente, duplicando a concentração de CO₂ na atmosfera a temperatura vai aumentar 3,5°. Mas, segundo o físico russo, «para duplicar, consumindo as mesmas quantidades de combustíveis, vamos levar, certamente, uns 100 ou 150 anos».

Há dados mais rigorosos, defende. É possível hoje, por exemplo, medir a temperatura na superfície da Terra e nas várias camadas da atmosfera. Mas quem estuda o clima escolhe «eventos com alterações notáveis de temperatura, maiores do que meio grau».

Segundo o IPCC, a acção no sentido de diminuir as emissões de CO₂ é urgente, porque esperam-nos cada vez mais eventos destes, extremos. Khmelinskii é novamente demolidor: «O que diz a Igreja Universal do aquecimento global antropogénico [causado pelo Homem] é que vamos ter mais furacões, eventos extremos, etc. De facto, a verdade é exactamente a contrária».

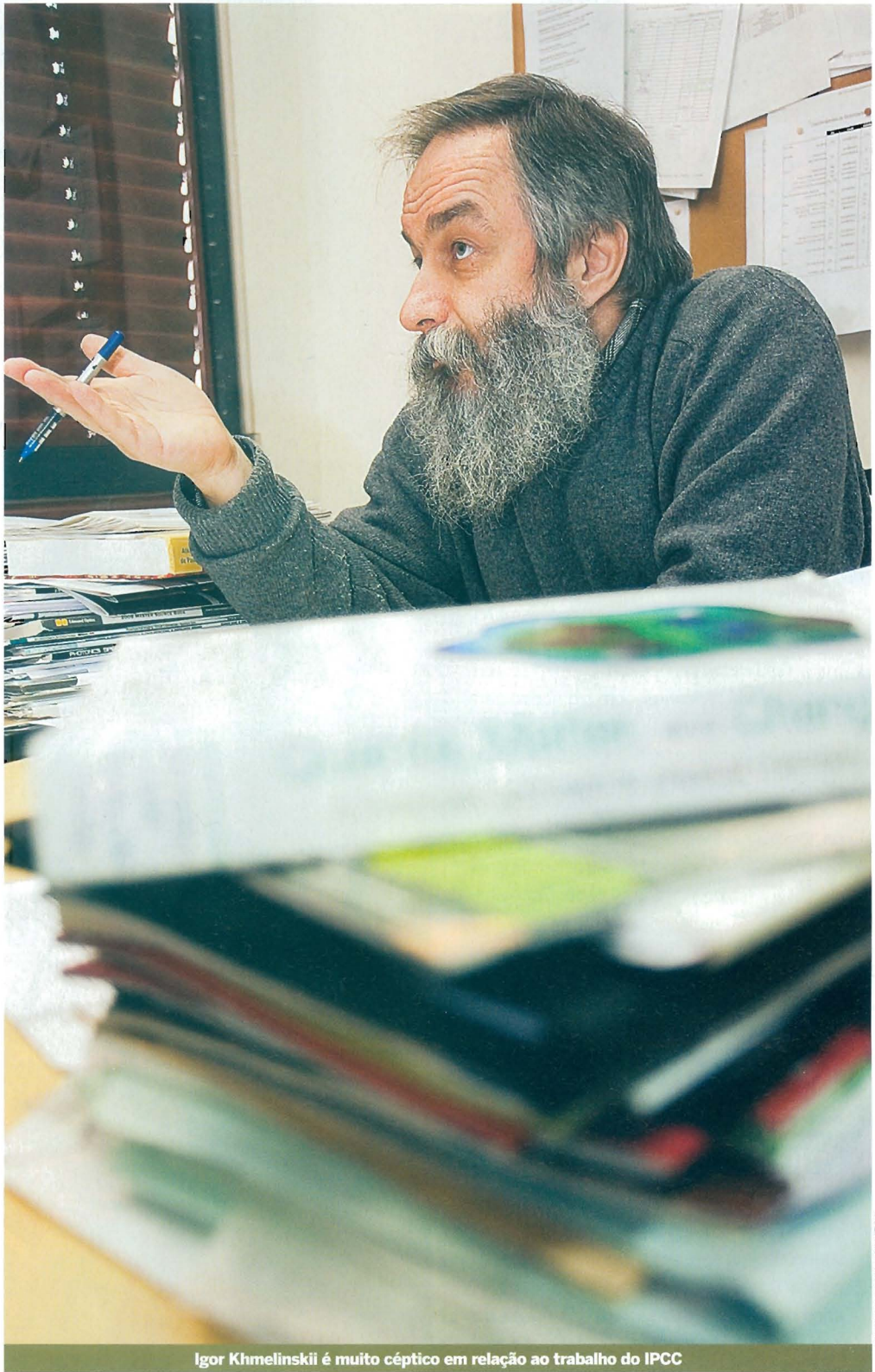
Como? Nas zonas tropicais, onde as temperaturas são mais altas, o efeito de estufa já se encontra saturado. O que vai acontecer é que as zonas temperadas vão ficar mais quentes e as polares ainda mais quentes que as temperadas. «Aquecendo o planeta, em princípio a intensidade de eventos extremos deve diminuir», tendo em conta que o que causa as tempestades

é a diferença grande de temperatura e de pressão. Logo, com o calor mais distribuído pelo mundo, haveria menos fenómenos como furacões.

Mas o problema deste ‘espírito de catástrofe’ introduzido no mundo pelo IPCC, pelos *media* e pelo filme de Al Gore é económico. «Imaginemos que o

Ocidente reduz as suas emissões em 20%. O que vai acontecer? Primeiro, desaparecem os empregos, porque as indústrias serão relocadas na China, que não vai cortar nas emissões». Mesmo investindo em energias alternativas, elas ainda não chegam para os nossos níveis de consumo. E aquecer um pouco mais o clima, continua Khmelinskii, não fará grande diferença. «Os períodos de desenvolvimento das grandes civilizações aconteceram durante os períodos mais quentes».

ricardo.nabais@sol.pt



Igor Khmelinskii é muito céptico em relação ao trabalho do IPCC

SANDRA SOUSA SANTOS

‘O que diz a Igreja Universal do aquecimento global antropogénico [de origem humana] é que vamos ter mais furacões, eventos extremos, etc. De facto, a situação é exactamente a contrária’